

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA HCE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA**

SILVANA FERREIRA DA SILVA SORATTO

**COMPETIÇÕES ESCOLARES: NO CAMPO CRÍTICO O JOGO É
OUTRO**

**CRICIÚMA
2012**

SILVANA FERREIRA DA SILVA SORATTO

**COMPETIÇÕES ESCOLARES: NO CAMPO CRÍTICO O JOGO É
OUTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. ^a Ana Lucia Cardoso

**CRICIÚMA
2012**

SILVANA FERREIRA DA SILVA SORATTO

**COMPETIÇÕES ESCOLARES: NO CAMPO CRÍTICO O JOGO É
OUTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física escolar.

Criciúma, 04 de julho de 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ana Lucia Cardoso - Mestre - UNESC - Orientadora

Prof^a. Anelise Arns - Mestre - UNESC

Prof. Luis Afonso dos Santos - Mestre - UNESC

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me proporcionado saúde e força para concluir mais esta etapa da minha vida. Em especial, agradeço meu esposo, Darcioni, por acreditar comigo que esse desafio seria possível e por estes quatro anos de paciência, compreensão e incentivo. Por compreender minha ausência, mesmo estando perto, por compartilhar as alegrias e decepções.

A minha família, e amigos por compreenderem a minha ausência necessária, mas sempre dizendo que este dia estava próximo e que esperavam por mim. Principalmente minha mãe, que passava muito tempo sem visitá-la.

Ao meu pai, que não pode estar conosco como pessoa, mas seja onde ele estiver tenho certeza que estará muito feliz por mais este objetivo que alcancei.

Aos professores e funcionários desta instituição que contribuíram para que este dia se tornasse possível. Em especial minha orientadora Ana Lucia Cardoso, pela paciência e dedicação com que compartilhou seu conhecimento para realizarmos este trabalho.

Aos professores Luis Afonso e Anelise Arns, por terem aceito o convite para participar da banca.

Agradeço a todos que com algum gesto ou palavra me incentivou a trilhar este caminho e ao longo do percurso me estimularam a continuar. E hoje fazem parte desta conquista.

Agradeço aos colegas de curso pelo prazer de conviver e aprender com pessoas diferentes, mas com ideais tão próximos. Aos amigos que conquistei ao longo da formação e que se tornaram pessoas importantes na minha vida, em especial dois. Fabi, Paulo, obrigada! Por fazerem parte da minha vida, pela amizade sincera e pelo companheirismo. Sentirei saudades do café comunitário nos dias de inverno e das conversas que tínhamos nos intervalos.

Seriam muitos agradecimentos e seguramente, eu não me recordaria de todos, então a todos que de alguma forma contribuíram para que este dia se tornasse possível, MUITO OBRIGADA!

“...Há pessoas que nunca tentam
Modificar o que está mal
Ou modificarem-se a si próprias
Essas pessoas nunca arriscam...
...Felizmente
Algumas pessoas
São capazes de arriscar.”

Leif Kristihansson

RESUMO

A competição apresenta várias possibilidades de manifestação, porém neste estudo estaremos direcionando nosso olhar para o âmbito escolar, no qual se percebe a necessidade de repensar o modelo de competição atual nos jogos e conseqüentemente na educação física escolar buscando possibilidades que se oponham ao modelo fomentado pela lógica capitalista. Essas propostas possuem um embasamento teórico de caráter crítico no qual possui uma preocupação com a formação do sujeito, cujo objetivo é a participação democrática. O estudo possui como questão central compreender quais as possibilidades para tematizar as competições escolares a partir de uma educação física crítica. Optamos por uma pesquisa de cunho bibliográfico, realizando um estudo conceitual das temáticas que envolveram a pesquisa. Nesse sentido concluímos que não devemos simplesmente excluir a competição das aulas de Educação Física, mas sim proporcionar novas possibilidades pedagógicas. Concluímos que nas competições escolares se faz necessário a participação efetiva de outras disciplinas, não sendo de responsabilidade somente da Educação Física, mas de toda escola. Além de que os eventos devem ser da escola e não na escola. As competições devem conter a co-participação dos alunos, lhes proporcionando responsabilidade, interação e comprometimento, assim como conhecimento em gerenciar situações de interesses individuais e coletivos.

Palavras-chave: Educação Física. Competição escolar. Possibilidades pedagógicas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ESCOLA E SOCIEDADE.....	10
2.1 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	14
3 EDUCAÇÃO FÍSICA.....	18
3.1 TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	21
3.2 COMPETIÇÃO	24
3.3 JOGO E ESPORTE.....	26
4 OUTRAS PROPOSTAS DE ORGANIZAÇÃO DE COMPETIÇÃO ESCOLAR	31
5 CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

O tema competição sempre gerou grandes discussões, dividindo opiniões entre os que são favoráveis e os que não são favoráveis. Essas dúvidas geralmente estão relacionadas ao modelo de competição esportivizada, reproduzido nas aulas de Educação Física que resultaram em muitas críticas ao esporte escolar. Mesmo com o significativo avanço promovido pelas abordagens críticas que permeiam a Educação Física escolar faz-se necessário uma reflexão da competição para que haja uma participação democrática de todos e uma ênfase sobre o sujeito e não no produto.

Em um dos estágios realizados, pode-se presenciar uma cena, na qual um aluno com deficiência intelectual foi perguntar ao professor de Educação Física como faria para participar dos jogos que aconteceria na semana seguinte para comemorar a semana das crianças. O professor respondeu que os alunos fariam um time cada sala para jogar futsal. O aluno levantou as sobrancelhas e sem responder nada, saiu. Aquele momento foi “cruel”, pois o aluno sabia que não teria a menor chance, pois os grupos de “melhores” já estavam formados entre os alunos.

Esta situação vivenciada pela pesquisadora foi relatada no seminário de estágio e também discutida com a professora orientadora do projeto de pesquisa. Sendo que a partir destas reflexões foi levantada a necessidade de se debruçar sobre a organização dos jogos nas escolas, haja vista que a maioria das escolas oportunizam esta atividade para os alunos.

Este estudo se justifica também, pois percebemos que durante a realização dos jogos escolares no município de Criciúma foi veiculado em coluna esportiva de jornais locais a importância das escolas participarem dos jogos enfatizando a necessidade de maior participação de alunos e o papel da Educação Física neste processo. No entanto o que percebemos é que estes jogos têm sido realizados reproduzindo o modelo de organização esportiva que reflete o esporte hegemônico.

Outro aspecto que nos instigou a realizar este estudo foi ter vivenciado ao longo do curso de Educação Física experiências de participação coletiva nos encaminhamentos dos jogos do curso que tem proporcionado aos acadêmicos a participação efetiva na construção dos jogos.

Este trabalho surgiu, portanto, da necessidade de repensar o modelo de competição atual nos jogos e conseqüentemente na Educação Física escolar buscando possibilidades que se oponham ao modelo fomentado pela lógica capitalista.

Neste sentido este trabalho definiu como **tema**: Competições escolares: no campo crítico o jogo é outro.

O **problema** do estudo é: Quais as possibilidades para tematizar as competições escolares a partir de uma Educação Física crítica?

Apresentaremos como **objetivo geral** à proposta, de analisar quais as possibilidades para tematizar as competições escolares a partir de uma Educação Física crítica. Através deste objetivo geral traçamos os **objetivos específicos**, a) Citar as diferenças das tendências pedagógicas liberal e progressistas e sua relação com o PPP da escola, b) Compreender como tematizar os conteúdos da Educação Física a luz da questão da competição, c) Identificar possibilidades de elaboração de competições escolares a partir de uma proposta crítica de Educação Física.

O estudo realizado configura-se como uma pesquisa de delineamento **bibliográfico**.

A pesquisa bibliográfica “busca conhecer as contribuições culturais ou científicas do passado [...] com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para qual se procura resposta” (CERVO; BERVIAN, 1976, p. 69).

No primeiro capítulo apresentaremos uma análise do reflexo da sociedade na escola, e sua relação com as propostas educacionais e PPP.

No segundo capítulo será apresentado o processo histórico da Educação Física assim como suas concepções e a relação com contexto social.

No terceiro capítulo apresentaremos possibilidades de competição escolar com embasamento em trabalhos já realizados.

2 ESCOLA E SOCIEDADE

Segundo Meksenas (2007), desde a existência do planeta o ser humano vem passando por um processo de evolução. A partir do momento em que conseguiu adotar uma postura ereta e utilizar as mãos como ferramentas para pegar objetos e apenas os pés para se locomover, facilitou na fabricação de ferramentas que o ajudaram a sobrevivência no meio em que vivia. Desta forma nasce o trabalho. “Atividade que exige do gênero humano o uso constante das capacidades mentais e físicas na construção dos meios que possibilitem a sobrevivência”. (MEKSENAS, 2007, p. 17).

Salientando que o processo de evolução levou milhares de anos e não atingiu apenas um indivíduo, mas todos. Essa evolução fez parte de um processo educativo, no qual, os seres humanos aprenderam a sobreviver em coletivo, possibilitando também o desenvolvimento da linguagem. (MEKSENAS, 2007).

Conforme Meksenas (2007), com a possibilidade de expressão, de comunicação e por meio do uso de novas ferramentas houve um maior progresso no modo de viver e de pensar do ser humano, como a busca por outros alimentos, a utilização do fogo, da roda, dos metais, entre outros.

Neste processo de evolução o trabalho guia o homem ao caminho da civilização. Inicia-se uma organização em tribos, no qual possuem moradia fixa e vivem de atividades agrícolas. As tribos evoluem, e surge à necessidade da divisão do trabalho, nasce à especialização das funções, uns caçam, outros plantam, outros fabricam cestos. Surgem também as regras de convivência, as tradições, as lutas, e a rivalidade entre as tribos. Nessa rivalidade, encontram-se os primeiros traços de exploração do homem pelo homem, ou seja, a escravidão. (MEKSENAS, 2007).

Para o mesmo autor o surgimento das primeiras cidades, dá início a vida urbana com novidades como, o comércio, a navegação o artesanato. A cidade institui nova forma de viver, as normas se tornam leis, e as leis determinam as condutas individuais em prol do coletivo. Surge então a sociedade.

De acordo com Meksenas (2007), paralelo à transformação da natureza pelo trabalho, o ser humano também evolui, desenvolvendo idéias,

valores e crenças sobre o modo de vida. Passam a não somente trabalhar, mas também a refletir e representar o mundo em que vivem, transmitindo suas experiências aos seus semelhantes, possibilitando que o conhecimento se acumule de geração em geração. Nasce assim a educação, “maneiras de transmitir e assegurar a outras pessoas o conhecimento de crenças, técnicas e hábitos que um grupo social já desenvolveu a partir de suas experiências de sobrevivência”. (MEKSENAS, 2007, p. 19). A educação surge como forma de necessidade de transmitir a outras pessoas o que determinado grupo aprendeu. Essa educação é denominada informal, pois não há professores e escolas, simplesmente quem sabe ensina a quem não sabe e quem não sabe, observa e aprende.

Percebe-se que no decorrer do tempo com o desenvolvimento das sociedades, o conhecimento é dividido entre os que podem mais e os que podem menos. É neste momento que a educação deixa de ser para todos, tendo de um lado a educação dos senhores (dominador) e de outro a educação dos escravos (dominado). “A educação se altera profundamente, pois deixa de ser meio de fazer com que todos tenham acesso ao mesmo saber e uma vida comunitária, para legitimar e aumentar as desigualdades”. (MEKSENAS, 2007, p. 24).

Segundo o autor, a partir do século XIV, as mudanças aceleraram, e rapidamente da forma de trabalho agrário a sociedade caminhou para a forma urbano-industrial, levando a Europa do feudalismo ao capitalismo, muitos chamaram esse processo de revolução.

Posteriormente iniciam-se as fases da Revolução Industrial que deu origem ao capitalismo, início dos séculos XVIII e XIX. Esse modo de produção se originou do comércio e da manufatura, desenvolvendo-se novas invenções, técnicas e aumento das atividades produtivas. A fonte de riqueza deixa de ser as terras e passam a ser fábricas, máquinas, bancos, ou seja, os meios de produção. Os donos dos meios de produção constituem a burguesia, e a maioria das pessoas constituem a classe trabalhadora\proletariado, que vende seu trabalho por salário para sobreviver. “A vida, dinâmica e competitiva, faz nascer o sentimento de individualismo”. (MEKSENAS, 2007, p. 30).

Nessa nova sociedade, a ciência ganha destaque, pois se na sociedade feudal a educação refletia somente os valores religiosos, na

sociedade capitalista tem a ciência como base. E neste contexto a educação que antes ocorria pela família e pela igreja agora ocorre por uma instituição denominada escola. “Uma instituição com normas específicas, agentes próprios (diretores, professores, alunos, orientadores pedagógicos etc.) e toda uma hierarquia”. (MEKSENAS, 2007, p. 30).

Essa sociedade com progresso contraditório, sempre passou por crises econômicas, políticas e muitos conflitos. Surge então a sociologia, com estudiosos preocupados em entender essa nova ordem social. Entre eles encontram-se três que são considerados clássicos na sociologia, Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Eles desenvolveram três grandes correntes teóricas que se tornaram base para a interpretação da sociedade capitalista. A sociologia funcionalista, a crítica e a compreensiva. Salientando que a educação nunca deixou de ser analisada, pois constitui uma parte integrante da sociedade. (MEKSENAS, 2007).

Entre as três destacamos a funcionalista e a crítica. Segundo Meksenas (2007), na sociologia funcionalista de Durkheim, a sociedade funciona como o corpo humano, no qual todos os órgãos têm que funcionar perfeitamente para a saúde do corpo, quando um adoece o corpo para de funcionar perfeitamente. Na sociedade os órgãos são as instituições, família, escola, sindicatos, etc. Desta forma um depende do outro para que a sociedade se desenvolva em harmonia.

Para esta teoria o objetivo da educação é integrar o indivíduo na sociedade, não transformando a sociedade capitalista, mas reproduzindo os valores morais essenciais dessa sociedade.

Conforme Meksenas (2007), a teoria crítica ou progressista, foi desenvolvida por Karl Marx. Sua preocupação é a transformação social e a construção de uma nova sociedade e conseqüentemente uma nova educação e escola.

Karl Marx analisa a sociedade de forma que há uma exploração de uma classe por outra, ou seja, os donos de meios de produção e trabalhadores, no qual gera os problemas sociais, pois há lucro excessivo de um lado e salário baixo de outro. Para ele não se trata em melhorar o capitalismo, mas sim transformá-lo caminhando para a construção de uma nova sociedade, o socialismo. (MEKSENAS, 2007).

Por meio da teoria marxista, surge uma tendência pedagógica denominada de pedagogia crítico-social dos conteúdos. Esta tendência parte do princípio que a escola pode ser um local de transformação social. Para esta tendência os alunos desenvolvem o senso crítico quando o professor problematiza suas vidas e também quando obtém acesso ao conhecimento acumulado historicamente. Sendo que o conhecimento pode servir de ferramenta a mais no processo de transformação social.

Para que o aluno seja capaz de desenvolver o senso crítico por meio desse conhecimento historicamente acumulado, o professor tem que ser mediador desse conhecimento tradicional de modo crítico.

Desta forma essa tendência não é centrada somente no professor e nem somente no aluno, ambos são considerados importantes no processo de aprendizagem.

O homem está alienado as regras do capital e são esses valores que faltam nas relações sociais que se dão sob o capitalismo. O trabalhador está tendo que realizar um trabalho forçado, que interessa mais aos proprietários do capital, do que a ele mesmo. Porém somente desta forma terá acesso aos meios de produção e poderá produzir sua própria existência material. (PARO, 1999).

Conforme Paro (1999), na escola há um grande registro da ausência de professores e gestores que propiciem aos alunos uma visão realista de mundo e de sociedade, o que pode proliferar com maior facilidade as regras do capital.

Isso acontece por meio de uma concepção conservadora de educação, no qual o importante é que os alunos apreendam o máximo de conteúdos das disciplinas tradicionais, preparando-os assim para viver de acordo com as regras da sociedade vigente. (PARO, 1999).

A democracia é um valor que deve constituir herança histórica, sendo passada para novas gerações. O caminho para isso é a educação, sendo que pode alcançar um grande número de crianças e jovens. Por isso todo educador comprometido com a injustiça social deverá incluir a democracia e o trabalho como objeto de estudo, tendo assim uma visão progressista de educação. (PARO,1999).

2.1 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Segundo Libâneo (1994), As tendências pedagógicas são classificadas em dois grupos, as de cunho liberal e as de cunho progressistas. As de cunho liberal, a atividade de ensinar é centrada no professor, que geralmente administra a disciplina de forma oral. Esta tendência alimenta a idéia que ouvindo e fazendo exercícios repetitivos os alunos gravam e reproduzem com mais facilidade.

O objetivo da escola é fazer os alunos decorarem a matéria, que é totalmente desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade, mas acredita-se que serão formados alunos ideais. (LIBÂNEO, 1994).

As tendências de cunho progressistas preocupam-se com propostas pedagógicas voltadas para os interesses da maioria da população. A atividade escolar é voltada na discussão de temas sociais e políticos, na qual professores e alunos analisam problemas e realidade, tendo em vista interesses coletivos. Os alunos são avaliados de forma qualitativa, ou seja, a prioridade é que o aluno sabe fazer, e não como ele faz, resultando no processo de ensino aprendizagem, na qual professor e aluno estão num nível horizontal (LIBÂNEO, 1994).

Sendo assim, o Projeto Político Pedagógico está articulado com as tendências da educação, pois é neste documento que a escola e a sociedade irão decidir que tipo de cidadãos e sociedade querem construir, ou seja, qual proposta pedagógica adotarão para alcançar os objetivos.

Conforme Vasconcellos (1995), projeto político pedagógico envolve toda a comunidade escolar, pais, alunos, docentes e funcionários, com a intenção de refletir sobre os objetivos e problemas da escola e da sociedade em que se encontram, assim como os caminhos que serão traçados, visando atingi-los em curto, médio e longo prazo, a fim de propor mudanças que possam construir uma sociedade mais autônoma, questionadora e construtora de um futuro social melhor.

Segundo Vasconcellos (1995) pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de planejamento participativo,

que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade.

Projeto significa projetar, planejar o que se tem a intenção de fazer, envolvendo uma construção coletiva de conhecimento. O projeto é um documento que serve de norteador para a ação pedagógica, buscando resgatar o sentido político libertador da ação educacional. Contém duas dimensões, política e pedagógica. Política, pois define o tipo de sociedade e cidadãos que se quer construir e pedagógica, pois busca fundamentar o ideal na prática, concretizando a idéia por meio da ação pedagógica no cotidiano.

O projeto político pedagógico é composto por três partes importantes articuladas entre si: O marco referencial, diagnóstico e a programação. (VASCONCELLOS, 1995).

Marco referencial, constituído dos marcos situacional, filosófico ou doutrinal e operativo. No marco referencial buscamos o que queremos alcançar enquanto escola.

Para Vasconcellos (1995, p.182), "o marco referencial é a tomada de posição da instituição que planeja em relação à sua identidade, visão de mundo, utopia, valores, objetivos, compromissos. [...] implica, portanto, opção e fundamentação".

Marco situacional é o momento da análise da realidade na qual a sociedade está inserida e não uma análise da instituição. É um olhar de como o grupo vê os traços mais marcantes, os sinais de vida e de morte, quais as causas e como podemos compreender o mundo atual.

Marco filosófico corresponde à direção para a qual nos movemos, o ideal geral da instituição. O grupo assume a proposta de sociedade, pessoa e educação expressando sua utopia. Busca compreender os tipos de sociedade que querem construir, tipo de homem/pessoa humana que querem colaborar na formação e que finalidade e papel se quer para a escola.

Marco operativo deve ser compatível com o marco situacional e filosófico, a fim de articular a realidade geral e às finalidades assumidas. Expressa o ideal específico da instituição. É a proposta dos critérios de ação tendo em vista o que se quer ou o que se deve ser, no que diz respeito à dimensão pedagógica, comunitária e administrativa.

O marco operativo segue uma metodologia de elaboração que se aplica também a todas as partes do projeto político pedagógico, envolvendo três dinâmicas; individual, é o momento do posicionamento pessoal dos participantes que se dá como base para todo o resto do trabalho, na qual cada indivíduo contribui para a melhoria da instituição; trabalho de grupo, etapa que corresponde à organização das idéias expressas individualmente, onde consiste na elaboração de um texto que garanta a idéia básica sem se importar neste momento com a opinião do grupo; e plenário, momento de compartilhar os trabalhos, discutir, tomar decisões e encaminhamentos. Inicia-se uma análise em cima de três aspectos básicos: fidelidade, técnico e conteúdo.

Para Vasconcellos (1995), o diagnóstico está entendido no sentido de localização das necessidades da instituição. Que correspondem as seguintes tarefas: Conhecer a realidade, julgar a realidade e localizar as necessidades.

O diagnóstico é a parte de um plano que profere um juízo sobre a instituição planejada em todos ou em alguns aspectos tratados no Marco Operativo (que descrevem o modo ideal de ser, de se organizar, de agir da instituição), juízo este realizado com critérios retirados do mesmo Marco Operativo e, sobretudo, do Marco Doutrinal. [...] O diagnóstico é o resultado da comparação entre o que se traçou como ponto de chegada (Marco Referencial) e a descrição da realidade da instituição como ela se apresenta. (GANDIN, apud VASCONCELLOS, 1995, p.188)

Existem várias formas de fazer o diagnóstico, porém, aqui será apresentada uma que parece ser abrangente e ao mesmo tempo simples. Destacando os seguintes passos:

- 1- Elaborar o instrumento de pesquisa que tem duas tarefas iniciais:
 - Resgatar os aspectos relevantes da instituição, já trabalhados no marco operativo a nível pedagógico, comunitário e administrativo.
 - Decidir que perguntas serão feitas.
- 2- Aplicar – Usar a mesma organização do marco referencial.
- 3- Sintetizar – Elaborar uma pequena síntese em forma de redação, evitando as repetições e englobando os aspectos semelhantes.
- 4- Plenário – Apresentar a síntese, buscando um consenso sobre a leitura da realidade.

5- Captação das necessidades – Este talvez seja um dos momentos mais importantes e difíceis do projeto, já que busca identificar a partir da síntese quais as necessidades estão subentendidas, investigar a realidade, ver quais as carências da instituição exigindo um esforço de reflexão crítica. Pode ser feita individualmente, em grupo ou plenário (VASCONCELLOS, 1995).

3 EDUCAÇÃO FÍSICA

Por meio de pesquisas em artigos e livros na área da Educação Física a partir de 1910 até os dias atuais, pode-se resgatar cinco tendências da Educação Física brasileira: a Educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista(1930-1945); a Educação Física Pedagogicista (1945-1964); a Educação Física Competitivista (pós 64); e a Educação Física Popular. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2003).

Conforme Coletivo de Autores (1992), Educação Física é uma prática pedagógica que por meio de atividades como, jogo, esporte, dança e ginástica formam uma área de conhecimento denominada cultura corporal.

As práticas pedagógicas surgem de necessidades sociais concretas. Desta forma, o mesmo aconteceu com a Educação Física que em diferentes momentos históricos teve diferentes entendimentos.

No final do século XVIII e início do século XIX, surgem no âmbito escolar, os exercícios físicos na forma cultural de jogos, ginástica e dança. Nessa época se consolida uma nova sociedade, a sociedade capitalista, na qual os exercícios físicos terão um papel destacado, tornando-se necessário à construção de um novo homem: mais forte, mais ágil, mais empreendedor (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A força física se torna uma mercadoria, pois nessa nova sociedade a riqueza era para poucos e resta ao trabalhador vender sua força física em forma de trabalho. Nessa época também se desenvolveu os cuidados com a higiene, pois o corpo saudável fazia parte dos cuidados físicos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A partir de meados da década de 30, a concepção dominante na Educação Física é calcada na perspectiva higienista. (DARIDO, 2003).

Segundo Ghiraldelli Junior (2003), a industrialização e a urbanização de certas regiões do país trouxeram repentinamente vários problemas que as elites brasileiras pensavam existir apenas na Europa.

“O inchaço das cidades, a formação de “bairros operários” insalubres, a proliferação de doenças infecciosas provindas das precárias condições de vida forjadas por um capitalismo atabalhoado colocaram as elites atônitas”. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2003, p. 36).

Com esses problemas sociais a Educação Física se torna responsável pela reeducação da população e principalmente os trabalhadores, para hábitos higiênicos e saudáveis.

Conforme Ghiraldelli Junior (2003), grande parte da Educação Física Higienista foi absorvida pela concepção militarista.

Com a nova sociedade as práticas pedagógicas como a Educação Física foram pensadas, e uma das razões da existência dessa prática era o desempenho de funções como desenvolver e fortalecer física e moralmente os indivíduos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Nessa época quem ministrava as aulas de Educação Física eram instrutores do exercito, que aplicavam métodos militares de disciplina e hierarquia. Em 1939, foi criada a primeira escola civil de formação de professores de Educação Física. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Com o fim da ditadura militar, após a Segunda Guerra Mundial, surgem outras tendências, predominando a influência do esporte.

“Essa influência do esporte no sistema escolar e de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 54).

Segundo Coletivo de Autores (1992), o esporte na escola sofre grande influência da instituição esportiva e o reflexo disso pode ser resumido em: princípios de rendimento atlético, competição, comparação de rendimento e recordes, além da grande ênfase a vitória. Os professores são contratados pelo seu desempenho esportivo.

O esporte determina, dessa forma, o conteúdo de ensino da Educação Física, estabelecendo também novas relações entre professor e aluno, que passam da relação professor-instrutor e aluno-recruta para a de professor-treinador e aluno-atleta.(COLETIVO DE AUTORES, 1992,p.54).

Após 1945, iniciou-se o período chamado democracia populista, e a Educação Física brasileira busca novas ideologias. A concepção Pedagogicista preenche o espaço da Educação Física Militarista. Esta concepção recebe impulso principalmente nos anos 50, com o governo desenvolvimentista de JK.

Na concepção Pedagogicista desenvolveu-se o “desporto-espetáculo” e automaticamente às tendências tecnicistas do “desporto de alto nível”. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2003).

Na década de 70, pode ser observado também na Educação Física escolar princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, princípios esses advogados também pela pedagogia tecnicista. Uma das características desta pedagogia é a divisão de turmas por sexo, apoiada inclusive pela legislação específica, o Decreto nº 69.450/7.(COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Segundo Ghiraldelli Junior (2003), no final da década de 70 e início dos anos 80, a Educação Física brasileira caminha para uma mudança em sua trajetória, isso porque há um aumento de profissionais da área empenhados na discussão de “práticas alternativas” para Educação Física. Assim como profissionais preocupados com a conquista de uma Educação Física Crítica.

Conforme Darido (2003), A partir da década de 70 surgem novos movimentos na Educação Física que se opõem aos modelos tecnicista, esportivista e biologista, porém todas estas tendências, de algum modo ainda influenciam na Educação Física hoje, tanto na formação do profissional quanto nas práticas pedagógicas dos professores.

“A Educação Física é uma atividade de educação e ensino, subordinando-se a objetivos pedagógicos mais amplos, às leis e processos objetivos de ensino que pertencem ao domínio da Didática Geral”. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2003, p.13).

Para Ghiraldelli Junior (2003), a Educação Física e o esporte continuam elitizados e envolvidos por interesses políticos, pois o poder público não desenvolve uma política efetiva de democratização para o acesso ao lazer e as práticas esportivas não-formais. Na organização escolar, a Educação Física tem sido isolada de outras disciplinas ficando em segundo plano, pois os espaços e materiais são precários, além da improvisação de professores.

Desta forma, os professores precisam repensar sua profissão e desenvolver um olhar crítico sobre os conteúdos e práticas desenvolvidas ao longo da história. Descobrir caminhos que orientem para uma prática docente que atenda as necessidades da sociedade, ou seja, para formar alunos críticos e participativos. Que leve a compreensão e uso sadio do corpo, e ao invés do esporte espetáculo, o esporte educativo. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2003).

Para Viana (2012), é de suma importância que os alunos tenham contato com vários tipos de vivências, sendo que a Educação Física não deve ser baseada em um único conteúdo.

3.1 TENDÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Segundo Bracht (1999), o quadro das propostas pedagógicas da Educação Física hoje, é bem diversificado. Embora a prática pedagógica ainda aconteça balizada pelo paradigma da aptidão física e esportiva, nas duas últimas décadas várias propostas pedagógicas foram gestadas.

Uma dessas propostas é a abordagem da saúde renovada. Segundo Darido (2003), um dos primeiros assuntos a serem discutidos na área de Educação Física foi à área biológica. Na década de 70 surgiram os primeiros laboratórios de avaliação física, mas o foco não era pesquisa na área escolar, o que fez com que pesquisadores da área biológica se afastassem das pesquisas escolares.

Este afastamento ocorreu principalmente pela falta de verba para as pesquisas e o não reconhecimento da sociedade, que tinham um olhar mais voltado para o rendimento esportivo.

Em meados da década de 90 discussões e diálogos entre profissionais faz com que a perspectiva biológica volte a ter espaço na Educação Física.

Pesquisadores ressaltam a importância das atividades físicas na infância e adolescência para o desenvolvimento de hábitos de um estilo de vida ativo até a idade adulta. (DARIDO, 2003).

A proposta da Educação Física passa a ser como meio da produção de saúde, com objetivo de atender principalmente os que mais necessitam, sem exclusão e preconceito com os sedentários, os de baixa aptidão física, os obesos e os portadores de deficiências.

Outra proposta é a abordagem desenvolvimentista. Conforme Darido (2003), para os autores desta abordagem, o movimento é o principal objetivo da Educação Física, mas outras aprendizagens podem ser desenvolvidas em decorrência da prática motora. A partir desta perspectiva passou a serem aplicados conteúdos de acordo com as faixas etárias, de modo que fosse aplicado dos mais simples aos mais complexos. Sendo assim, o professor tem que observar o aluno para identificar em que nível se encontra.

Segundo Darido (2003, p.5) “O principal objetivo da Educação Física é oferecer experiências de movimento adequadas ao seu nível de crescimento

e desenvolvimento, a fim de que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada”.

Conforme Bracht (1999), próxima a essa proposta pode-se incluir a abordagem da psicomotricidade, que exerceu grande influência na Educação Física nos anos 70 e 80.

Segundo Darido (2003), ela surge em contraposição a modelos anteriores, passando a incluir e valorizar o conhecimento integral do aluno, ou seja, o ato de aprender, os processos cognitivos, afetivos e psicomotores.

Esta abordagem não tinha o apoio do ministério dos esportes na íntegra, pois o mesmo entendia que a psicomotricidade era interessante apenas para crianças deficientes e que crianças “normais” deveriam ter formação esportiva a fim de melhorar os resultados esportivos. (DARIDO, 2003).

“As propostas abordadas até aqui têm em comum o fato de não se vincularem a uma teoria crítica da educação, no sentido de fazer da crítica do papel da educação na sociedade capitalista uma categoria central” (BRACHT, 1999, p. 79).

De acordo com Bracht (1999), existem outras duas propostas que se derivam das discussões da pedagogia crítica brasileira.

Uma delas é a proposta crítico superadora. Teve grande influência dos educadores José Libâneo e Dermeval Saviani. O objetivo da crítico-superadora é a transformação social vigente. Esta proposta preocupa-se não somente no ensinar, mas também como adquirimos conhecimento, desta forma, considera importantes fatores históricos. (DARIDO, 2003).

Para Coletivos de Autores (1992), nesta proposta a Educação Física é uma disciplina que trata do conhecimento da cultura corporal. Prática pedagógica trabalhada na escola, que inclui atividades que possibilitem a expressão corporal, como: jogo, esporte, dança, ginástica. O estudo da cultura corporal tem como finalidade apreender a expressão corporal como instrumento de linguagem.

Ainda de acordo com Coletivo de Autores (1992), a escola na perspectiva de uma pedagogia crítica superadora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização

de conteúdos exigem coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade.

Para Coletivo de Autores (1992), é fundamental na Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando arremessando, jogando, etc.. todas as atividades corporais foram desenvolvidas em determinadas épocas históricas, de acordo com as necessidades humanas.

Outra proposta é a que se denomina abordagem crítico-emancipatória. Conforme Darido (2003) surgiu a partir da década de 80 com o objetivo de romper com o modelo hegemônico do esporte de rendimento praticado nas aulas de Educação Física.

Esta abordagem denominada progressista tinha como proposta formar cidadãos críticos e autônomos, a fim de transformar o modelo de sociedade vigente, tendo em vista a superação das desigualdades sociais, (DARIDO, 2003).

Uma educação no sentido crítico emancipatória, significa estar presente na prática, uma didática comunicativa, pois ela tem o objetivo de esclarecimento e formação de pessoas racionais, na qual possa ser capaz de pensar, agir, criticar e se impor, ou seja, ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva. Por meio de ações comunicativas desenvolverá a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (KUNZ, 2001).

O mesmo autor apresenta as categorias trabalho, interação e linguagem e as relaciona com as competências objetiva, social e comunicativa. Para o autor essas três categorias formam a mediação de conteúdos entre os alunos enquanto sujeitos em desenvolvimento e a realidade do mundo.

“A constituição do processo de ensino pelas três categorias, trabalho, interação e linguagem, deve conduzir ao desenvolvimento da competência objetiva, social e comunicativa.” (KUNZ, 2001, p.40).

Há algumas estratégias didáticas que o professor poderá seguir para alcançar seus objetivos dentro da concepção crítico emancipatória. Essas estratégias são denominadas “transcendência de limites”, na qual o aluno é confrontado com a realidade e consegue ultrapassar os graus de dificuldades.

Pode-se resumir estas estratégias em “transcendência de limites” pela experimentação, pela aprendizagem e pela criação. (KUNZ, 2001).

Para as teorias progressistas da Educação Física citadas acima, os valores e princípios da sociedade capitalista industrial, são reproduzidos nas formas culturais dominantes do movimentar-se humano, como o esporte de rendimento. Desta forma reproduzi-lo nas aulas de Educação Física é reforçar este modelo de sociedade. (BRACHT, 1999).

Essas são algumas propostas que se colocam como alternativas, porém vale ressaltar que as propostas críticas buscam se opor ao um conjunto de características da cultura corporal atual, que são produtoras de falsa consciência e consumidores da indústria cultural. (BRACHT, 1999).

3.2 COMPETIÇÃO

Conforme Reverdito et al (2008), o fator competição tem alimentado grandes discussões, e geralmente o esporte tem sido o vilão dessas discussões. É importante salientar que quando tratamos o fator competição no âmbito escolar, não podemos pensar em um único conteúdo, pois a competição está presente em vários fatores pedagógicos, na qual os protagonistas são exclusivamente os “melhores”, acarretando na eliminação de qualquer possibilidade da participação de outros alunos.

Para Sparkes (1987 apud FERREIRA, 2000), a competição é um encontro social entre duas ou mais pessoas buscando alcançar um objetivo comum, no qual ambas as partes estão conscientes da vitória de um dos lados.

Na opinião de Ferreira (2000), quando a vitória se torna objetivo principal da competição, provavelmente o aluno que nunca consegue vencer em uma determinada modalidade se sinta desmotivado para participar de atividades competitivas. Ou pior, a impossibilidade de vitória o distanciará das atividades físicas e das aulas de Educação Física. Este afastamento das atividades físicas por experiências negativas poderá se prolongar até a vida adulta.

A ênfase na vitória nas aulas de Educação Física e principalmente em jogos entre escolas e turmas, ofusca os momentos de confraternização, transformando as atividades em verdadeiras “guerras”. Esse problema

acontece pela forma como o desporto é desenvolvido na escola, seguindo o modelo e regras do desporto e competições oficiais, no qual a participação está restrita aos mais habilidosos. Esse modelo é reforçado pelas instalações e materiais didáticos oferecidos pela escola que se adequam os do desporto oficial, dificultando a adaptação para diferentes faixas etárias (FERREIRA, 2000).

O problema de a Educação Física ensinar apenas o desporto e dar ênfase nas técnicas e táticas, é que outros conteúdos acabam sendo desvalorizados. Isso não significa que a competição é ruim e que deva ser excluída da escola, ela deve ser refletida, a fim que não desenvolva o individualismo, o preconceito, enfim, a formação de personalidade incompatível com a vida humana em sociedade. Desta forma a competição deve ser usada com muita cautela no processo de ensino aprendizagem, de forma que as diferenças individuais não desestimule o aluno na participação das aulas (FERREIRA, 2000).

Conforme Junior (2009 apud VIANA et al, 2012), a competição gera vários questionamentos no meio escolar, dividindo opiniões entre os professores de Educação Física no que se refere aos favoráveis e os não favoráveis à atividades competitivas. No entanto, se a competição é um dos conteúdos do esporte e o mesmo está presente nas aulas de Educação Física, este terá seu ensino comprometido sem os aspectos competitivos. Isso não significa que se deva incentivar a competição exacerbada, pois poderá gerar um afastamento de alunos com dificuldade na realização das atividades.

Segundo Junior (2009 apud VIANA et al, 2012), em meio as discussões encontramos autores que são favoráveis e os que não são à competição no meio educacional.

Barbosa et al (2009 apud VIANA et al, 2012), por exemplo, afirma que nas atividades competitivas valores como, sentimentos de grupo, cooperação, comunicação e criação ficam em segundo plano.

Capitanio A. M (2003 apud VIANA et al, 2012), também se posiciona contra atividades competitivas quando afirma que, a vitória, derrota, glória e etc., são conseqüências da competitividade e podem ser muito prejudicial as crianças e jovens caso não sejam trabalhados com um olhar crítico na prática educativa.

Assim também como Leite E. (2010 apud VIANA et al, 2012), que explicita sua preocupação com a reprodução do esporte de rendimento na escola, quando afirma que o mesmo não objetiva ideais sociais e educativos, levando poucos ao sucesso e muitos ao fracasso.

No entanto, Vilaça (2006 apud VIANA et al, 2012), defende que as regras dos desportos de rendimento, no âmbito escolar possuem um papel pedagógico muito importante, pois ensinam os alunos a respeitarem as regras.

Para Soares e Montagner (2009 apud VIANA et al, 2012), a criança sente prazer em competir, por isso a competição deve ser utilizada como uma ferramenta, um meio para a educação e formação do caráter.

Não se pode negar a urgência em romper com este modelo de competição, mas não necessariamente ela terá que deixar de existir, pois a competição segue o modelo de sociedade em que vivemos, e se torna praticamente impossível exterminá-la, mas é necessário que haja uma reflexão para haver mudanças (REVERDITO et al, 2008).

Desta forma apresentamos no capítulo seguinte algumas propostas de como a competição pode ser trabalhada nas aulas de Educação Física visando conhecimento e valores sociais.

3.3 JOGO E ESPORTE

Este capítulo pretende realizar uma reflexão dos temas jogo e esporte, tendo como base autores que estudaram e estudam os assuntos.

A discussão abordará o fator competição, presente tanto no jogo como no esporte.

Bruhns (1996), destaca o jogo, como conteúdo que incorpora elementos lúdicos, na qual apresenta componentes como a espontaneidade, a flexibilidade, o descompromisso, a criatividade e características culturais próprias. Fatores opostos ao esporte, que é caracterizado por suas restrições pré-determinadas, como imposição de regras, busca de rendimento, recordes, e medalhas. Essas características sobrevalorizam o esporte tanto dentro como fora do âmbito escolar, resultando na formação de pessoas submissas as leis do rendimento, considerando seus corpos como se fossem máquinas.

Muitos afirmam sobre a competição ser inerente ao homem e se constituir numa característica lúdica, tentando com esse argumento

legitimar a luta desenfreada pela vitória e a competição com o outro no sentido de aniquilá-lo. Mas a competição é um elemento prevalecente em um determinado tipo de jogo, não em todos, como por exemplo, no quebra-cabeça, frescobol de praia, jogos de construção, jogos dramáticos e outros. (BRUHNS, 1996, p. 34),

O autor utiliza dois verbos para diferenciar jogo e esporte: jogar e praticar. O primeiro verbo aproxima-se mais do lúdico, e o segundo do treinamento, por isso uma determinada modalidade esportiva pode ser jogada ou praticada, dependendo do objetivo pode assumir caráter lúdico ou competitivo, pois o jogo exige um parceiro e o esporte um adversário.

Para Coletivo de Autores (1992), o jogo é fator de desenvolvimento da criança, pois através dele conseguem modificar imaginariamente a realidade, resultando num processo criativo e de estímulo no exercício do pensamento. Através do jogo a criança expressa as situações da realidade, por exemplo em uma brincadeira de papai e mamãe, elas agem de acordo com o comportamento dos adultos nessa situação.

Em determinados jogos, na qual os mais “fracos” são eliminados pelos mais “fortes” mais rapidamente, as regras devem ser modificadas, para impedir a sobrepujança da competição sobre o lúdico.

Na escola é importante a seleção dos conteúdos dos jogos, considerando as séries e o mundo vivido do aluno, ou seja, considerar a realidade do aluno, mas também lhe oferecer novos conhecimentos, como as de jogos das diferentes regiões.

“É fundamental o desenvolvimento das regras na escola, porque isso permite à criança a percepção da passagem do jogo para o trabalho”. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992 p. 67).

Para melhor adequação dos conteúdos e desenvolvimento das regras, o autor relaciona o jogo nos diferentes ciclos de vida escolar.

O primeiro ciclo vai da pré-escola até a 3ª série. É o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade.

O segundo ciclo vai da 4ª à 6ª séries. É o ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento. Nesse ciclo o aluno vai adquirindo a consciência de sua atividade mental, confronta os dados da realidade com as representações de seu pensamento.

O terceiro ciclo vai da 7ª à 8ª séries. É o ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento. O aluno se desenvolve qualitativamente quando reorganiza a identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico, propriedade da teoria.

O quarto ciclo se dá na 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio. É o ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Ao se posicionarem sobre o fator esporte, o Coletivo de Autores (1992), apresentam idéias similares a Bruhns (1996), pois ambos caracterizam o esporte um conteúdo que exige um máximo de rendimento, utilizando-se de comparações e eliminando os considerados mais “fracos” e conseqüentemente reproduzindo desigualdades sociais.

“Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que a prática, cria e recria”. (COLETIVOS DE AUTORES, 1992 p. 71).

Conforme Coletivo de Autores (1992), na escola, deve-se sempre privilegiar o coletivo, que defende o compromisso de solidariedade e respeito humano e levar os alunos a compreenderem que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário.

Devem compreender também que a prática esportiva deve ter o significado de valores e normas que assegurem a todos o direito a prática do esporte.

Não ensinar os gestos técnicos não significa, retirar o esporte das aulas de Educação Física, mas para que ele possua conhecimento sobre determinados jogos que foram esportivizados não é necessário que domine os gestos técnicos. O importante é que ele faça e não como ele faz.

Ambos os autores ao explicitarem suas opiniões sobre o esporte, tecem críticas sobre a forma como o esporte vem sendo ensinado nas aulas de Educação Física.

Kunz (1989), segue a mesma linha de pensamento e reflexão, porém vai mais além, pois sua ênfase é como as pessoas podem mudar a realidade, a partir da compreensão do esporte.

Certamente, a melhor compreensão do esporte como fenômeno sócio-cultural auxiliará os educadores e educandos a melhor compreenderem a própria realidade social, pois o esporte não só faz parte como cumpre um papel importante em cada contexto social. (KUNZ, 1989 p. 69).

Conforme Kunz (1989), o ensino escolar tem a capacidade de transformar os interesses individuais objetivos e subjetivo dos alunos, mas para isso o mesmo deve ser visto como sujeito no processo educativo para a formação da autonomia.

O autor faz sua reflexão também sobre a formação do professor de Educação Física, que ainda é extremamente tecnicista, e que reflete completamente na realidade escolar. Mesmo com algumas mudanças curriculares nas instituições de formação profissional, não se obteve ainda nenhuma mudança nesta concepção de formação profissional, mas serve pelo menos para a elaboração de critérios para melhor discutir o problema. (KUNZ 1989).

O autor conclui sua reflexão afirmando que a Educação Física oferece muito pouco do que se é desejável pedagogicamente, pois é privilegiado o esporte de rendimento na forma das instituições esportivas.

Na tentativa de minimizar o esporte como fator de competição na escola alguns autores buscam compreender melhor a diferença entre o jogo e o esporte na intenção de contribuir na prática pedagógica da Educação Física. Por isso a maioria deles comprometidos em romper o modelo de competição no âmbito escolar priorizam o caráter lúdico de ambos os temas como componente pedagógico nas aulas de Educação Física. (KUNZ, 1989).

Para Vaz (2010), uma diferenciação importante entre jogo e esporte, está no que diz respeito a resultados. Enquanto que no jogo prevalece o interesse pela dinâmica, no esporte prevalece o resultado a ser alcançado. Não que nos jogos não se observe ou não possua características competitivas.

No esporte os princípios básicos são as comparações e sobrepujança, no qual estão presentes fatores fundamentais como mesmo número de jogadores nas equipes, divisão por categorias, comparações de desempenhos, entre outros. Enquanto que no jogo os próprios participantes podem decidir as regras e adaptarem conforme necessário. (VAZ, 2010).

Conforme Vaz (2010), há uma tendência na sociedade em esportivizar os jogos tornando-os competitivos, é o caso, por exemplo, da capoeira, das artes marciais e o surf.

Por isso, na escola o esporte não pode ser uma cópia do esporte de rendimento, sendo assegurada a participação de todos sem discriminação. O esporte tem que ser compreendido como fenômeno social complexo, não se limitando somente à sua prática. (VAZ, 2010).

4 OUTRAS PROPOSTAS DE ORGANIZAÇÃO DE COMPETIÇÃO ESCOLAR

Segundo Reverdito et al (2008, p. 41), “a organização da competição não pode ter um fim nela mesma, mas um meio para educação”.

Por isso, a realização de um evento deve conter a participação efetiva de outras disciplinas, não sendo de responsabilidade somente da Educação Física, mas de toda escola. Por meio da interdisciplinaridade, a competição pode ser abordada por diferentes áreas do conhecimento. (FAZENDA, 2003 apud REVERDITO et al, 2008).

Segundo Reverdito et al (2008), o modelo de competição que vem sendo reproduzido no interior das escolas está resultando em críticas ao esporte escolar. Isso porque, as aulas de Educação Física acabam sendo utilizadas para treinamento de equipes representantes de cada turma, tendo assim, a vitória como único objetivo.

Conforme Reverdito et al (2008), os problemas relacionados a competição escolar estão relacionados ao tratamento que a disciplina de Educação Física e os eventos, recebem da escola, e que geralmente ficam fora do projeto político pedagógico, pois são considerados de importância inferior. Cabendo apenas aos professores de educação de física a organização dos eventos, e para os demais professores uma “folga” para colocarem seus afazeres em dia.

“É preciso uma reflexão sustentada na ação e uma ação sustentada na reflexão, para ser capaz de romper com esse modelo alienante e obsoleto de competição”. (REVERDITO et al, 2008, p. 39).

Esses autores comprometidos em romper com este modelo de competição apresentam alguns princípios e procedimentos didático-metodológicos, que nos auxiliam na compreensão de conceitos fundamentais de competições escolares.

Conforme Garcia (2002 apud REVERDITO et al, 2008, p.40), “ mais importante que tentar compreender a competição, é compreender o sujeito que compete, assim como os sujeitos que especificam seus fins”.

Reverdito et al, (2008), inicialmente propõem a reflexão de uma pergunta relacionada aos eventos esportivos escolares: os jogos interclasses é um evento da escola ou na escola ?

Embora haja um grande acervo que discuta esta questão em Pedagogia do Esporte, se percebe ainda a ausência de comprometimento com a educabilidade do sujeito por parte da escola quando se trata de competição escolar, pois as mesmas ainda não conseguiram romper com o modelo de competição esportivizada.

Quando a competição acontece somente na escola, reproduz um caráter espetacularizado. Atendendo apenas ao sistema competitivo institucionalizado, sem nenhuma responsabilidade pedagógica, valorizando somente a vitória.

Quando a competição é da escola, desenvolve um caráter de responsabilidade com a educabilidade do sujeito e deve estar atrelada ao Projeto Político Pedagógico da escola, permitindo ser abordada por diferentes disciplinas e conteúdos.

Partindo dos pressupostos pedagógicos existentes na competição, os quais poderão ser explorados, o objetivo da competição pedagógica na escola deverá ser em torno de maximizar os aspectos positivos e minimizar os efeitos negativos. Os valores de humanização, nas relações interpessoais, a busca pelo equilíbrio entre as relações de prática e resultado, o valor sócio-cultural na coexistência, são aspectos importantes a serem acentuados. (SCAGLIA; MONTAGNER; SOUZA, 2001 apud REVERDITO et al, 2008, p.40).

Turpin (2002 apud REVERDITO et al, 2008) apresenta como proposta de competição pedagógica, a colaboração, que acontece a partir da compreensão de três conceitos: competição, cooperação e valores sociais.

Para Scaglia, Montagner e Souza (2001 apud REVERDITO et al, 2008), o primeiro princípio pedagógico é ensinar a competir. Conforme os autores, os alunos devem ser permitidos a resolverem questões complexas e desafiadoras, todos devem ter oportunidades iguais. O professor deve ensinar mais que competir proporcionando um ambiente que irá guiá-lo a aprendizagem de comportamentos e atitudes.

A co-participação valoriza a participação ativa dos alunos no processo de construção do evento, lhes proporcionando responsabilidade, interação e comprometimento, assim como conhecimento em gerenciar situações de interesses individuais e coletivos. Por isso, as tarefas devem ser distribuídas para que todos possam participar, assim estarão vivenciando situações que contribuirá na aquisição de valores como cooperação,

solidariedade, convivência, entre outros. (BARBIERI, 2001; MOTA, 2003 DE ROSE Jr.; KORSAKAS, 2006 apud REVERDITO et al, 2008).

Segundo Mota (2003 apud REVERDITO et al, 2008), tem que haver espaço para a comunidade se envolver, podendo assim haver trocas de experiências. A organização desses eventos deve levar em conta a necessidade da comunidade na qual a escola está inserida. Ou seja, o projeto tem que fazer parte de um processo maior de ensino aprendizagem, desta forma o aluno abordará o tema de forma crítica e reflexiva.

A organização de eventos de competição deve privilegiar vários encontros, nos quais serão discutidos possibilidades de atividades, privilegiando a diversidade, combinando jogos esportivos tradicionais, jogos modificados e gincanas de jogos da cultura popular e expressivo. Desta forma todos se sentirão motivados a participar. (TURPIN, 2002 apud REVERDITO et al, 2008). Do mesmo modo,

A organização do evento deve apresentar diferentes tipos de tarefas individuais, cooperativas e de oposição. A intenção de propor vários tipos de tarefas é permitir que o aluno vivencie diferentes situações problemas de caráter aberto, considerando que as características de uma prova individual diferem em muito de uma atividade de cooperação ou oposição. (REVERDITO et al, 2008, p.43).

É na escola que se encontra uma das maiores manifestações das práticas esportivas, por isso não há como negá-las. Porém ha necessidade que escola acredite que o esporte e, sobretudo a competição possa ser um meio para a educação. (REVERDITO et al, 2008).

Encontramos outras possibilidades também em Assis (2001). Ao relatar suas experiências de dissertação de mestrado, o autor indica outras idéias e possibilidades de como tematizar os jogos, o esporte e conseqüentemente outros conteúdos da Educação Física. Ele apresenta essas possibilidades mais especificamente com o conteúdo esporte, tratando-o assim como “reinvenção” do esporte.

Assis (2001), sugere pensar o esporte, a partir de uma visão crítica que se oponha aos valores e sentidos do esporte moderno que são fundamentais da sociedade capitalista. Assim como, reconhecer a necessidade e a possibilidade de pensar o esporte alicerçado por um projeto político pedagógico, que conduz para a construção de uma sociedade preocupada em outros valores e sentidos.

Segundo Assis (2001), um dos elementos que se destacam como proposta para a “reinvenção” é o resgate da ludicidade. Para o autor uma das maneiras de fazer este resgate é parar de romper na escola o jogo e o esporte. Não esportivizando os jogos e as brincadeiras, mas do contrário, brincar de esportes.

Castellani Filho (1988 apud ASSIS, 2001) apresenta um artigo no qual se chama “jogos internos”. O artigo trata da organização de jogos escolares, o mesmo conta a história de um menino que sonha com outros jogos da escola. É a história de Marcos que é um garoto que é fascinado em jogar futebol, no entanto se pega refletindo como “jogar bola” se tornou chato e maçante, desde que teve o início dos treinos para os jogos da escola. O prazer de brincar com a bola havia cedido espaço à repetição exaustiva, na busca de uma melhor performance.

O garoto sentia-se incomodado, principalmente por perceber a tristeza de seu colega Carlos, que por estar fora dos padrões dos “mais habilidosos” não teve lugar na equipe, e como a maioria, se conformava em ser apenas espectador. Ele se incomodava também por não saber como eram organizados os jogos da escola, era como se o vissem incapaz de organizar algo. Assim ele adormeceu pensando... e sonhou..., em como seriam os jogos organizados pelos alunos.

No sonho todos não estavam somente se preparando para os jogos, mas também os preparando. Em uma reunião, a primeira regra foi que todos os alunos participariam daqueles jogos. Posteriormente discutiram como iriam concretizar tal decisão de forma que os jogos se tornassem prazeroso tanto para os que sabiam jogar bem quanto para os que não sabiam jogar tão bem. Decidiram então que quem tivesse mais habilidade em uma determinada modalidade ensinaria quem possuía dificuldade, assim todos compartilhariam conhecimento de todas as modalidades, pois o objetivo era que o sucesso fosse coletivo e não individual. Após essa decisão começaram a organizar os sistemas de competição que melhor se adequasse às instalações, materiais e dias disponíveis para os jogos. Mesmo com tanta responsabilidade Marcos sentia-se disposto, pois afinal aquele era os jogos de todos da escola. Inclusive dos professores, pois necessitavam dos conhecimentos deles também.

De repente se deram conta que podiam mudar as regras dos jogos também, como por exemplo a hipótese de não terem juízes, assim todos teriam que assumir o compromisso de respeitar as regras do jogo na qual estava jogando. E foi assim, que de repente Marcos despertou de seu sono e sonho.

Os jogos daquele ano aconteceu como estava previsto, mas nos anos seguintes foram diferentes (CASTELLANI FILHO 1988 apud ASSIS 2001).

Castellani Filho e Moreno Castellani (2009), publicaram no livro os jogos de minha escola propostas de como o professor de Educação Física poderá organizar jogos escolares no qual haja a participação efetiva dos alunos. Para começar o professor depositou a responsabilidade de organização dos jogos interclasses nos alunos.

Jorge o professor recém chegado na escola, aborda alguns alunos e questiona como está o andamento da organização dos jogos. Os alunos com expressão de espanto respondem que a responsabilidade pela organização não é deles, eles apenas jogam. Então o professor responde que vai mudar, pois quem participa é quem deve organizar. Ele tranquiliza os alunos dizendo que se não sabem irão aprender, e a melhor forma de aprender é praticando.

Neste momento ocorreu uma mistura de sentimentos, receio, interesse, desinteresse, expectativa por parte dos alunos, pois nos jogos anteriores o que eles faziam para se preparar era treinar para competir, buscando melhoria da técnica. O professor sabia que precisavam de alguém que confiasse neles, pois a adolescência é um período difícil para os jovens.

Durante a organização, em uma reunião com o professor Jorge, decidiram que todos iriam jogar, independente de níveis técnicos. Os alunos estavam empolgados e logo surgiram muitas idéias, entre elas, a de incluir atividades que não eram comuns em jogos interclasses, como a queimada por exemplo.

Definidas as modalidades, tinham um desafio de organizar as equipes. Foi então que alguém teve a idéia de dividir as equipes por nível de habilidade e modalidade. Porém neste momento o professor interferiu, e estabeleceu para que uma turma fosse vencedora teria que alcançar o maior número de pontos somados em todas as categorias, assim todos se sentiriam

importante e capaz de realizar algo. Inclusive os times femininos e mistos que também ganharam espaço nestes jogos.

Entre todas as decisões e idéias para organizar os jogos, os alunos criaram também comissões como, de imprensa, de arbitragem, de premiação, de torcida mais organizada, entre outras. Quanto mais percebiam que eram capazes, mais ousavam inclusive modificar as regras do jogo.

Outra possibilidade pedagógica foi apresentada pelo curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, na qual, a organização da “copa de Educação Física de futebóis”, os jogos interfases como é de costume acontecer, foi realizada pela comunidade acadêmica.

Conforme Euzébio et al (2011), o curso de Educação Física da UNESC, realiza tradicionalmente os jogos interfases, na qual há forte influência do fenômeno esportivo. No entanto percebeu-se a necessidade da discussão de uma abordagem educativa dos jogos interfases, visando à concordância com o projeto político pedagógico do curso que tem como objetivo, a formação de professores em uma perspectiva crítica de educação. Ou seja, organizar os jogos objetivando a educabilidade, preocupando-se também com valores, ações e princípios. Em 2010, a proposta foi discutida e vivenciada, com o objetivo de superar a lógica adotada nos jogos.

A construção e organização dos jogos foram realizados pela comunidade acadêmica do curso. Professores e acadêmicos reuniram-se algumas vezes, e em uma das reuniões decidiram a temática dos jogos: “a copa do mundo e a pluralidade futebol”.

Em encontro posterior decidiram por modalidades como, futebol virtual, futebol de sabão, futevôlei, pebolim, entre outras. Os acadêmicos tiveram a participação efetiva em todas as etapas dos jogos, inclusive na semana seguinte do evento, puderam avaliar e sugerir mudanças para os próximos jogos. (EUZÉBIO et al, 2011).

Os resultados foram positivos, pois não houve problemas disciplinares e o número de participantes foi superior aos dos jogos anteriores. A avaliação dos acadêmicos foi que os jogos facilitou o entendimento de como trabalhar em uma perspectiva crítica, colaborando com a formação enquanto professores. (EUZÉBIO et al, 2011).

5 CONCLUSÃO

Conclui-se com este trabalho que a sociedade atual não é um processo natural, pois suas características de individualismo, competitivismo e sobrepujança, fazem parte de um processo de construção histórica do homem que teve início desde a existência da humanidade.

Essas características da sociedade capitalista refletem diretamente na educação e na Educação Física, nos levando a refletir sobre como podemos modificar este modelo alienante que leva poucos ao sucesso e muitos ao fracasso.

Para ser um ser crítico, ter autonomia e ser capaz de refletir sobre os problemas da sociedade e da educação é importante conhecer os caminhos que podem ser seguidos para alcançar tal objetivo.

Dentro desta história da educação surgem as tendências pedagógicas Liberal e Progressista. Na Liberal o professor é o centro do ensinar e os alunos ouvindo conseguem reproduzir, enquanto a Progressista preocupa-se em centralizar os interesses da maioria da população na discussão de temas sociais e políticos, no qual professor e aluno encontram-se em um nível horizontal.

As tendências pedagógicas estão articuladas ao Projeto Político Pedagógico. O projeto é um documento que serve de norteador para a ação pedagógica, buscando resgatar o sentido político libertador da ação educacional. Contém duas dimensões, política e pedagógica. Política, pois define o tipo de sociedade e cidadãos que se quer construir e pedagógica, pois busca fundamentar o ideal na prática, concretizando a idéia por meio da ação pedagógica no cotidiano.

As práticas pedagógicas surgem de necessidades sociais concretas. Desta forma, o mesmo aconteceu com a Educação Física que em diferentes momentos históricos teve diferentes propostas pedagógicas que o embasam.

Atualmente no curso de graduação refletimos como a Educação Física pode ser desenvolvida tendo como principal direcionamento a busca de uma formação cidadã dos alunos. Esta reflexão se dá por meio das propostas crítico emancipatória e crítico superadora, ambas articuladas às propostas progressistas da educação.

O principal objetivo do nosso trabalho é contribuir para que a escola seja um espaço democrático, apontando algumas possibilidades pedagógicas de organização de competição escolar. Tendo em vista que a competição vem sendo trabalhada nas escolas reproduzindo o modelo de competição esportivizada.

No entanto conclui-se que, a organização de competições não pode ter um fim nela mesma, mas um meio para educação. Ela deve objetivar valores sociais como, companheirismo, solidariedade, amizade e comprometimento, assim como conhecimento em gerenciar situações de interesses individuais e coletivos. Valores esses que se opõem ao modelo fomentado pela lógica capitalista.

Desta forma, não devemos simplesmente excluir a competição das aulas de Educação Física, mas sim proporcionar novas possibilidades pedagógicas.

Conclui-se também que a competição está presente em todos os conteúdos da Educação Física, porém é mais explícito no esporte e nos jogos, tendo em vista que são os conteúdos mais proporcionados aos alunos. No entanto, se deve combinar jogos esportivos tradicionais, jogos modificados e gincanas de jogos da cultura popular, além de que a vitória não seja o objetivo principal.

As possibilidades investigadas para organizar competições escolares não são e nem devem ser, receitas prontas para aplicabilidade nas aulas de Educação Física, são algumas possibilidades pedagógicas que o professor poderá tirar proveito e juntamente com seus alunos organizar a competição da sua escola. É uma forma de explicitar que a competição também pode ser um meio para educação.

Também não significa que as diferentes possibilidades de trabalhar a competição tenham aplicabilidade em todas as escolas e turmas, o professor terá que conhecer a realidade de seus alunos e inserir algumas mudanças aos poucos, pois os alunos estão habituados com o modelo de competição esportivizada que vem sendo trabalhada por muito tempo na história da Educação Física.

Prova desta resistência aconteceu nos jogos do curso de graduação citado como possibilidades pedagógicas no estudo teórico. Mesmo com um

grande acervo de conhecimento sobre as propostas críticas e com incentivo dos professores em haver uma reflexão sobre os problemas de nossa sociedade e a urgência em mudarmos essa realidade, alguns acadêmicos não concordaram com o novo modelo de competição, mas não deixaram de participar, o que já é considerado um grande avanço pedagógico.

Embora haja a preocupação de alguns autores em romper o modelo de competição, estamos longe de alcançar um resultado significativo, prova disso é o número limitado de autores e pesquisadores que se interessem pelo tema.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Sávio. **Reinventando o esporte**: Possibilidades da prática pedagógica. São Paulo: Autores Associados, 2001. 217. p

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. In: cad. Cedes, Campinas, v. 19, n.48, ago, p. 69-88. 1999

BRUHNS, T. Heloisa. **O jogo nas diferentes perspectiva teóricas**: O jogo e o esporte. In: Motrivivência, Florianópolis, n.9, Dez.1996, p. 27-43.

CASTELLANI FILHO, Lino; CASTELLANI, Rafael M. **Os jogos de minha escola**. São Paulo: Autores Associados, 2009, 80. P

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Científica. São Paulo: McGraw-Hill, 1976. 158. p

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola**: Questões e Reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

EUZEBIO, C. A. et al, **Copa Educação Física de futebóis**: uma possibilidade pedagógica de caráter crítico. In: Seminário de Iniciação Científica, 11, 2011, UNESC: GEPEFE- Grupo de estudos e pesquisa em educação física e escola: intervenção e conhecimento, 2011.

FERREIRA, Marcos Santos. **A competição na Educação Física escolar**. In: Motriz. V. 6, n. 2, Jul/Dez, p. 97-100, 2000

GHIRALDELLI, Jr. Paulo. **Educação Física Progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. 8ª Ed. São Paulo: Loyola, 2003.

KUNZ, Elenor. **Esporte enquanto fator determinante da Educação Física**. In: Contesto & Educação n.15, jul/set.89. Ijuí: Unijuí, 1989

_____. **Transformação didático pedagógico do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. Coleção magisterio 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da educação**: uma introdução ao estudo da escola no proceso de transformação social. 13 ed. São Paulo: Loyola, 2007. 143. p

PARO, Vitor H. **Parém de preparar para o trabalho!!!**: Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. São

Paulo, 1999, p. 1-17. Disponível em: [www. Edilson santos.pro.br/textos/paremdeprepararparaotrabalho.doc](http://www.edilson santos.pro.br/textos/paremdeprepararparaotrabalho.doc). acesso em 20/05/2012

REVERDITO, S. Riller; SCAGLIA, j. Alcides; et all. **Competições Escolares:** reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. In: Pensar a Prática, v.11, n.1, jan/jul, p. 37-45. 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento:** Projeto de ensino-aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 1995.

VAZ, Alexandre F. **Jogos, Esportes:** desafios para a Educação Física escolar. In: cadernos de formação RBCE, mar, p. 96-106. 2010

VIANA, Mario Boratto Xavier et al. **A competição na Educação Física escolar.** In: EFDesportes. com, Revista Digital. V. 16, n. 165, Fev, 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> acesso em 05/04/2012